



RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: A DOCÊNCIA E A RELAÇÃO COM AS DINÂMICAS DA CONTEMPORANEIDADE

Vinícius Alves de Mendonça¹, Kléber Bezerra Costa²

¹Graduado em História/ Universidade Estadual de Alagoas/ viniciusalvesmendonca@hotmail.com

²Docente do Curso de História da UNEAL/ Universidade Estadual de Alagoas/
prof.historiakleber@hotmail.com

Resumo: O programa Residência Pedagógica, financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, se constitui enquanto uma ferramenta de inclusão dos professores ainda em formação no campo dinâmico da sala de aula, esse potencializa os primeiros contatos entre docência e educação básica. O presente trabalho possui o objetivo de analisar o subprojeto e sua aplicação na Escola Estadual Humberto Mendes, apresentando e analisando o uso de dinâmicas e tecnologias no ensino de História.

Palavras-chave: Educação, Ensino, Projeto, CAPES, Residência Pedagógica.

1. Introdução

Esta produção é oriunda de uma revisão da que originalmente apresentamos, no ano de 2019, durante o 1º Encontro de Licenciaturas da UNEAL (ELUNEAL). Assim, em nossa perspectiva de análise, a educação escolar possui o intuito de atuar no meio social enquanto ferramenta de propulsão dos saberes científicos, preparando as novas gerações e possibilitando que exerçam suas cidadanias, desenvolvendo uma postura crítica em relação ao mundo que as cerca.

Em meio a um ensino básico brasileiro carente de investimentos e reavaliações sobre seus diferentes contextos situacionais, o Programa Residência Pedagógica foi projetado pelo Governo Federal buscando ampliar as possibilidades



de atuação e inclusão dos graduandos de diversas licenciaturas na prática docente, a partir da segunda metade de seus cursos.

Este trabalho é baseado no propósito de analisar alguns dos expoentes das intervenções realizadas por meio do subprojeto de História vinculado ao Campus III da Universidade Estadual de Alagoas (UNEAL), assim dimensionando, por meio de autores como Hobsbawm (1988), Freire (1987) e Bittencourt (2008), as realidades vivenciadas no Projeto, durante o semestre 2019.1, e seu diálogo com as dinâmicas e tecnologias da contemporaneidade. As atividades foram desenvolvidas na Escola Estadual Humberto Mendes, localizada no município de Palmeira dos Índios, Semiárido alagoano.

2. A noção de dinâmica e a relação com a tecnologia

A Escola Estadual Humberto Mendes está localizada próximo a área comercial do município de Palmeira dos Índios, estando de frente a uma das mais importantes vias de trânsito que interliga os extremos da cidade. A escola em questão possui o caráter de atuar como um dos principais polos de ensino existentes na rede pública da localidade, contando com um grande número de alunos vinculados às suas atividades escolares cotidianas.

Durante o primeiro semestre de 2019, a Instituição foi o campo de atuação vivenciado no subprojeto da Residência Pedagógica da UNEAL. O ambiente observado pelos “Residentes” (termo utilizado para designar os bolsistas do programa) foi baseado pela descrição semelhante à realizada por Bittencourt (2008), esse sendo “[...] um lugar de recepção e reprodução do conhecimento externo, variando sua eficiência pela maior ou menor capacidade de ‘transpô-lo’ e reproduzi-lo adequadamente” (BITTENCOURT, 2008, p. 37).

Assim, tal capacidade de “reproduzir” o conteúdo das disciplinas é estendida para além da concepção comum de uma educação bancária (FREIRE, 1987). Desse modo, os primeiros desafios foram apresentados, justamente, em torno dessa concepção de construção do saber, descrita por Bittencourt (2008), de modo que



questionamentos sobre: “como formar um aluno crítico e ir além da educação bancária, podendo então contribuir na sua formação?”, foram recorrentes.

As atividades cotidianas vivenciadas na Escola Campo tenderam a elucidar tais dúvidas, nos fazendo “pensar menos barato” (BLOCH, 2002) acerca do ofício de nossa profissão, portanto, nos afastando de qualquer possibilidade de encontrar respostas prontas, considerando a dinâmica no exercício da docência (CAIMI, 2013).

Semanalmente, os graduandos passaram a acompanhar as aulas de História ministradas pelo preceptor Edmilson Sá, sendo as observações construídas através do olhar proveniente do prévio contato com a teoria (OLIVEIRA, 2000) e intercaladas pela contribuição dos bolsistas na exposição dialogada dos conteúdos. Desse modo, consideramos que “vai-se da ação à compreensão e da compreensão à ação, até a síntese, o que [se constitui] não é outra coisa senão a unidade entre a teoria e a prática” (LUCKESI, 1994, p. 71).

Em uma das atividades, o preceptor da Residência realizou uma dinâmica envolvendo teoria e prática. O exercício da docência realizado foi preparado a partir da demanda dos alunos acerca da tecnologia presente em seus cotidianos, o professor então levou seu *videogame* para a sala, na aula seguinte a exposição dos conteúdos, passando a jogar com os alunos um jogo tematizado sobre o Egito Antigo. A seguir apresentamos uma fotografia do momento da dinâmica.

Fotografia 1 – Estratégia utilizada durante uma das aulas



Fonte: acervo pessoal dos autores.



A estratégia adotada, incomum no universo da docência, conseguiu resultados expressivos, pois os discentes passaram a rever os conteúdos discutidos, durante a experiência de jogo. Comentários sobre as Pirâmides, Faraós e outras particularidades do Egito Antigo foram recorrentes, além de que a atenção dos alunos foi prioritariamente voltada para a aula. Redimensionando as análises para o universo de iniciação a docência, a dinâmica presenciada demonstra uma tentativa de aproximação entre o saber científico e a vivência dos alunos, realizando uma “dinâmica sócio-histórica”, como preconizado por Hobsbawm (1998), na junção entre a teoria dos conteúdos e a realidade tecnológica dos alunos.

3. Discussões sobre a metodologia aplicada

Não se trata de incentivar o uso de *videogames* no universo da sala de aula, apesar desta estratégia de ensino ter funcionado positivamente entre os alunos, mas incentivar um esforço em prol do entendimento da realidade dos discentes. O ato de compreender o outro, nesse caso o aluno, é uma ação de liberdade e estudo do mundo dos homens, pois o último explica em si mesmo as necessidades das relações sociais (FREIRE, 1987).

O universo tecnológico da modernidade em constante mudança (HALL, 2006), vivenciado pelos alunos expressa a necessidade de remodelação e adaptação do fazer docente. Intervir nesse universo através da Residência Pedagógica significa entender a necessidade de uma melhor relação adaptativa entre a teoria e prática no ensino.

O uso de imagens, como os *videogames*, permitem aos alunos desenvolver a competência interpretativa e também o ato compreensivo. Através da experiência observada na Residência, os docentes tem condições “[...] pelos filmes, de abandonar o tradicional método de memorização, mediante o qual os alunos se limitavam a decorar páginas de insuportável sequência de eventos.” (BITTENCOURT, 2008, p. 371) fazendo esses “aprenderem com os olhos” (BITTENCOURT, 2008).



No caso da aula ministrada pelo preceptor, descrita no tópico anterior, os alunos interpretaram a interface do jogo a vinculando ao conteúdo estudado na aula anterior, sendo produzido, assim, um momento de relações dialógicas. As imagens atuaram enquanto ferramentas potencializadoras do conteúdo, assumindo um caráter discursivo na relação com a aprendizagem (SAMMAIN, 2012).

Em outra aula, as falas dos discentes sobre as violências durante os períodos escravocratas brasileiros disseminaram uma série de sentimentos entre os alunos, exemplificando a relação do ato de apreender ao de sentir as emoções (FREIRE, 1987). Nessa condição, a docência passou a assumir um caráter mais proveitoso e dinâmico, segundo os relatos dos alunos; como se o sentimento desenvolvesse um contexto relacional entre as partes (FARGE, 2011): professor, aluno e conteúdo da disciplina.

As aulas seguiram o padrão de sempre incentivar a criatividade e interpretação. Caso recorrente em outra circunstância observada, nessa um dos alunos questionou o Residente sobre a sua opinião em relação a possibilidade de uma colonização holandesa, em função das invasões em 1624 e 1630, a dúvida foi: “E se os holandeses tivessem continuador por aqui? A nossa situação não seria melhor?”, em seguida outro aluno respondeu: “Claro que sim, não acha professores?” (direcionando a pergunta para o residente e o preceptor).

O preceptor e o residente optaram por explicar a questão e redimensionar a pergunta ao aluno buscando a sua opinião sobre o assunto, assim o incluindo no debate como parte sensível e passível de uma opinião válida, o considerando capaz (FREIRE, 1987). O discente sorriu e explicou seu ponto de vista, outros alunos entraram no debate e esse foi direcionado rumo o entendimento dos tipos de colonização, apresentando as diferenças entre colônias de exploração e povoamento, solucionando a dúvida do aluno e introduzindo o conteúdo.

4. O processo de aprendizagem e possíveis conclusões



As dinâmicas e exercícios observados na sala de aula sob a supervisão do preceptor tenderam a complementar nossa formação educativa. A estratégia de uso das imagéticas, como os filmes, o particular uso dos *videogames*, fotografias entre outras geraram resultados expressivos entre os alunos. Assim, o percurso rumo à docência é profundamente marcado pela constante ação de se reavaliar e se “quebrar por dentro” frente aos infortúnios e realidades distintas, como o caso das dúvidas sobre a colonização do Brasil. A aplicabilidade de uma metodologia varia entre as diversas turmas e contextos encontrados pelo docente, esse necessita desenvolver sua competência adaptativa e seu modo de aplicar a docência frente cada uma das diversas realidades vivenciadas.

Referências

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2008.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou o Ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2002.

CAIMI, Flávia Eloisa. **Professores iniciantes ensinando História: dilemas de aula e desafios da formação**. Revista História Hoje, v. 2, nº 3, 2013. p. 87-107.

FARGE, Arlette. **Lugares para a História**. Belo horizonte: autêntica editora, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. – 11 ed. – Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Companhia Das Letras, 1998.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. – São Paulo: Cortez, 1994.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do antropólogo**. 2ª ed. São Paulo: UNESP, 2000.

SAMAIN, Etienne. As imagens não são bolas de sinuca. Como pensam as imagens. In SAMAIN, Etienne [org] **Como pensam as imagens**. São Paulo. Editora da Unicamp, 2012.